

EVAS DE AVENTAL: As Lojas de Adoção brasileiras no final do Século XIX

(EVAS IN APRON: Brazilian Adoption Lodges at the end of the 19th Century)

Carlos Bruno Vinhais ¹

Resumo

O artigo discute as questões em torno da instalação das “Lojas de Adoção” brasileira nos últimos anos do século XIX, que estão presentes nos Boletins do Grande Oriente do Brasil. Nosso objetivo é compreender se a dinâmica marcada pelo pensamento que relegava à mulher a vida no lar e afastada da vida social encontra-se nas discussões e no modo de organização das Lojas de Adoção e se a Maçonaria brasileira buscou romper ou consolidar essa perspectiva.

Palavras-chaves: Lojas de Adoção; Maçonaria; Cultura; Sociedade.

Abstract

The article discusses the issues surrounding the establishment of Brazilian “Adoption Lodges” in the late 19th century, which are present in the Bulletins of the Grand Orient of Brazil. Our aim is to understand whether the dynamics marked by the notion that relegated women to life at home and away from social life are present in the discussions and organization of the Adoption Lodges, and whether Brazilian Freemasonry sought to break or consolidate this perspective.

Keywords: Adoption Lodges; Masonry; Culture; Society.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela UERJ, com Especialização em Administração Pública pela FGV e Mestrado Profissional em Administração Pública pela EBAPE-FGV (2017). E-mail: carlos.vinhais@yahoo.com.br

1. Introdução

A maçonaria é conhecida por sua natureza iniciática e seus princípios evolucionistas, filantrópicos e progressistas, buscando o aprimoramento espiritual e moral do ser humano por meio dos ensinamentos contidos em seus mistérios. Sua origem exata ainda é objeto de investigação, mas uma das teorias mais difundidas remonta às corporações de ofício surgidas no período medieval (BARATA, 2002). O desenvolvimento dessas guildas marcou o início de uma fase especulativa da maçonaria, onde não apenas os pedreiros, mas também pessoas de outras profissões começaram a participar. Assim, a transição da maçonaria operativa para a especulativa foi um processo gradual, influenciado por uma variedade de fatores históricos, sociais e culturais que levaram ao afastamento do exercício da profissão de pedreiro para uma sociedade que se dedica ao aperfeiçoamento moral e intelectual (BARATA, 2002).

No início do Século XVIII, junto com o nascimento oficial da Maçonaria Especulativa (1717), já podemos notar a presença feminina na maçonaria. Na França, em particular, a maçonaria feminina apresentou uma dinâmica peculiar em relação a outros países, em parte devido à posição das mulheres na esfera pública francesa. Ao contrário de algumas sociedades onde as mulheres eram amplamente excluídas, na França elas mantinham uma presença mais significativa na vida social e pública, o que influenciou o desenvolvimento da maçonaria feminina. Esse contexto social mais inclusivo proporcionou um ambiente propício para o surgimento e crescimento das lojas maçônicas femininas, refletindo uma abordagem mais igualitária e progressista em relação ao papel das mulheres na sociedade (RÉVAUGER, 2013).

No Brasil, é possível identificar a presença das Lojas de Adoção, desde antes de 1873, tendo em vista as informações disponíveis no Jornal Oficial do Grande Oriente do Brasil naquele período. Isso porque no Jornal Oficial no Ano 1873\Edição 00005 é citado que a cidade de São Paulo já contava com Lojas desse tipo. Porém, os Boletins do Grande Oriente do Brasil começam suas publicações apenas em dezembro do ano de 1871, sendo que não localizamos entre 1871 e 1873 registro nos boletins das Lojas de Adoção Paulistas. De toda sorte, não há dúvida que no final do século XIX existiam Lojas de Adoção em pleno funcionamento no País.

No entanto, é importante destacar que a presença feminina na maçonaria nem sempre foi bem recebida em todas as regiões do mundo. No Brasil do fi-

nal do século XIX também havia maçons que protestavam contra sua instalação. Enquanto na França as lojas de adoção prosperavam, na Grã-Bretanha as mulheres eram geralmente excluídas da maçonaria, exceto por casos excepcionais. Essas lojas desempenharam um papel fundamental na formação da Grande Loja Feminina da França, evidenciando a evolução e diversidade da cultura maçônica ao longo do tempo (RÉVAUGER, 2013).

Essa discussão é relevante tendo em vista que o contexto social brasileiro nessa época foi marcado por mudanças que tornaram o país mais complexo, com a expansão dos centros urbanos, ainda que a base da economia continuasse sendo a lavoura do café, com o trabalho escravo. Essas mudanças impuseram às mulheres o estabelecimento de políticas higienistas e morais preocupada com a formação de trabalhadores e cidadãos sadios, moral e sexualmente, sendo que as mulheres deveriam assumir as tarefas do casamento, da maternidade e da educação dos filhos, de forma ainda mais imperativa (CUNHA, 2013). Desse modo, compreender as Lojas de Adoção no Brasil pode ajudar a entender as dinâmicas culturais que envolviam as mulheres brasileiras no final do século XIX.

2. Metodologia

O presente estudo busca (1) compreender a cultura organizacional das Lojas de Adoção brasileiras do século XIX, (2) entender como essas organizações eram estruturadas e (3) apresentar as principais discussões que giravam em torno da instalação dessas "Lojas de senhoras" via análise documental, sendo as fontes de dados os Boletins publicados pelo Grande Oriente do Brasil entre os anos de 1873 e de 1899.

Esses documentos podem revelar as normas e regras socialmente aceitas para a criação e manutenção das Lojas de Adoção no final do século XIX, fornecendo meios para compreender a realidade vigente no Brasil naquela época. Os Boletins foram pesquisados na plataforma da Biblioteca Nacional (<https://memoria.bn.br/>) nos meses de janeiro e fevereiro de 2024, através do uso da palavra-chave "LOJA DE ADOÇÃO". Foram transcritos 71 trechos localizados referentes às Lojas de Adoção nos Boletins, sendo eles informações, discursos, notícias, poesia ou qualquer outro trecho sempre que o contexto se referia à Loja de Adoção.

Inicialmente, durante a chamada "leitura flutuante" elaboramos a hipótese e o objetivo da pesquisa. Segundo Bardin (2011), hipóteses são afirmações ini-

ciais que podem ser comprovadas ou refutadas ao final do trabalho.

Nossa hipótese é que as Lojas de Adoção brasileira do século XIX, sua cultura e sua forma de organização, estão marcadas pelo pensamento que relegava à mulher a vida no lar e afastada da vida social (CUNHA, 2014). Nosso objetivo é compreender se a instalação das Lojas de Adoção pela Maçonaria brasileira buscou romper ou consolidar essa perspectiva.

As informações foram organizadas em categorias, seguindo uma análise qualitativa de conteúdo temático conforme proposto por Bardin (2011). O tema principal foi a Organização Social das Lojas de Adoção, subdividido em quatro categorias: valores culturais da organização, formas e procedimentos de organização, legitimidade sobre sua constituição e composição e participação.

Para análise dos resultados será utilizada uma abordagem multidisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento.

Para enfrentar a questão será contextualizado a situação do Brasil, da mulher e da maçonaria masculina brasileira no final do século XIX. Além disso, apresentaremos uma breve explicação sobre a história das Lojas de Adoção e apresentaremos um resumo da simbologia do Ritual de Adoção. Isso é importante porque, conforme ensina Bardin (2011), na análise de conteúdo, é fundamental explicitar o contexto no qual os dados estão sendo examinados. Embora os dados estejam apresentados diretamente no texto, cabe ao pesquisador reconstruir o contexto para uma compreensão mais completa.

3. Um breve contexto das mulheres brasileiras no Séc. XIX.

No século XIX o mundo testemunhou profundas transformações nas estruturas e relações sociais. No Brasil, essas mudanças refletiram importantes transformações políticas e econômicas, que moldaram a identidade do país.

O Brasil apresentou características singulares em relação à sua antiga metrópole, Portugal. A questão da independência brasileira não implicou um rompimento com Portugal, mas sim uma continuidade de muitos valores e estruturas de poder. Isso se deveu, em grande parte, ao desejo da elite brasileira de manter seus privilégios e poderes, sem buscar uma mudança social significativa. A elite liderando o processo de independência almejava garantir o livre comércio, sem restrições e sem o monopólio português, mas preservando sua posição de poder.

Observa-se no Brasil uma forma distinta de liberalismo, em que o livre comércio não se traduziu em mão de obra livre. A instituição escravocrata persistiu, apesar da pressão e reprovação inglesas. Esse "liberalismo oligárquico", conforme denominado por Alfredo Bosi, refletia os interesses da elite brasileira, conciliando o livre comércio com a manutenção da escravidão.

Podemos assim, observar todo entrelace das instituições e jogo político em que estava imerso o Brasil na primeira metade do século XIX: uma constituição limitadora, uma política conservadora, uma sociedade, que resguardava privilégios e interesses de uma classe específica.

No século XIX, o cotidiano das mulheres brasileiras estava profundamente enraizado nos afazeres domésticos, incumbindo-lhes a responsabilidade pelas atividades do lar, como cuidar da família, cozinhar e lavar roupas. Seguindo os ideais católicos de família, as mulheres tinham obrigações definidas ao longo de suas vidas, desde jovens até viúvas. Tanto o pensamento católico quanto o positivista enfatizavam a divisão entre trabalho externo e vida doméstica, reservando às mulheres a esfera privada do lar, enquanto aos homens cabia o sustento financeiro da família. Assim, as mulheres eram educadas desde cedo para desempenhar papéis tradicionais de esposa e mãe, reforçando as distinções entre os gêneros (CUNHA, 2014).

O pensamento conservador, tanto católico quanto positivista, reforçava a submissão feminina à ordem social estabelecida, marginalizando as mulheres de espaços políticos e sociais e valorizando-as apenas dentro do âmbito doméstico, como pilares de sustentação da família.

4. A Maçonaria brasileira no Séc. XIX

A maçonaria brasileira durante o século XIX atua como um espaço de sociabilidade (BARATA, 2002), e um espaço de atuação política (COLUSSI, 2002). Nos primeiros anos do século XIX as Lojas maçônicas atuaram diretamente no processo de independência e no final do século estavam envolvidas com a abolição e com o processo republicano.

A partir dos anos 1870 a maçonaria passa por um processo de conflito com a Igreja Católica que ficou conhecido como a "Questão Religiosa", suscitando o debate acerca da separação entre Igreja e Estado. Esse enfrentamento se transformou em um instrumento de divulgação da Maçonaria e da causa republicana (COLUSSI, 2002).

Porém, essa agitação dentro da Ordem no final do século XIX levou à cisões, devido a lutas eleitorais internas e desentendimento de como a Ordem deveria se organizar, sendo uma ala, Oriente dos Beneditinos, sob influência francesa, mais política e crítica ao governo imperial e de outro, o Oriente do Lavradio que pretendia evitar discussões políticas se focando mais em beneficência que nos debates políticos nacionais (RIBEIRO, 2011).

Com a renúncia de Saldanha Marinho ao cargo de grão-mestre do Oriente dos Beneditinos ocorre a unificação sob o nome de Grande Oriente do Brasil, em 18 de janeiro de 1883, com Francisco José Cardoso Junior como líder.

No contexto internacional a Maçonaria brasileira se afastava do Grande Oriente de França após a declaração de irregularidade promovida pela Grande Loja da Inglaterra em 1877 e passa a se aproximar e ser influenciada pela maçonaria inglesa (ISMAIL, 2013).

5. O Ritual de Adoção

Não há dúvida sobre a importância dos rituais na ordem maçônica em todo o mundo. Os rituais maçônicos são cerimônias simbólicas que marcam momentos importantes na vida de um maçom, fornecendo um senso de continuidade com a história da Ordem e fortalecendo os laços entre os membros em todo o mundo. Conforme escreve Guimarães:

Os rituais praticados e todas as suas repetições centram o indivíduo dentro dos propósitos do mito, pois o ritual é a simples representação do mesmo. Ao participar de um ritual, vivencia-se sua mitologia (GUIMARÃES, p. 26, 2013).

Nesse sentido, encontramos nos extratos dos boletins elementos relacionados ao Rito de Adoção que tem uma mitologia própria que nos ajuda a compreender os valores das Lojas de Adoção. Isso porque a mitologia encontra sua expressão por meio de símbolos e gestos que na Maçonaria é operado por meio da ritualística desempenhando papel crucial de catalisadores dos sentimentos experimentados por seus adeptos, amplificando a narrativa mitológica trabalhada dentro do contexto cultural do grupo. (GUIMARÃES, 2013).

Para compreendermos melhor o ritual de adoção, faremos um pequeno resumo de suas origens e seu simbolismo, conforme apresentado no trabalho

de Jan Snoek (2013).

Em seu trabalho "O Rito de Adoção, suas Origens, Abertura para Mulheres e seus Rituais Maçônicos" (tradução livre), publicado em 2013 na revista REHMLAC, a história da inclusão das mulheres nas lojas maçônicas de adoção remonta ao século XVIII, ao mesmo tempo da formação das primeiras Grandes Lojas na Inglaterra, em meio a um contexto de disputas entre duas principais tradições maçônicas: os "Modernos" e os "Antigos".

Durante o exílio do rei Jaime II da Inglaterra na França, seus seguidores, conhecidos como jacobitas, estabeleceram lojas maçônicas em Paris, seguindo uma terceira tradição, denominada "Harodim". Por volta de 1726, surgiram as primeiras lojas hanoverianas, alinhadas com os "Modernos". Na França, as primeiras mulheres foram iniciadas, especialmente nas lojas jacobitas Harodim, que as chamavam de lojas de Adoção.

O Rito de Adoção começava com um primeiro grau que superficialmente abordava três temas: a Arca de Noé, a Torre de Babel e a escada de Jacó. O primeiro grau servia principalmente para que o candidato prestasse juramento de sigilo antes de receber a revelação completa no segundo grau.

O segundo grau assume um papel central no Rito de Adoção. Neste grau, o Candidato representa Eva, embora essa representação possa ter sido usada para subjugar o sexo feminino ao longo dos séculos, na época em que esses rituais foram concebidos, parece que o ritual do oferecia uma abordagem significativamente diferente da versão bíblica. No ritual, o Candidato, como Eva, entrega a maçã ao Mestre. Ele pega a maçã e a devolve a Eva, dizendo: "Recebe agora o fruto da árvore que está no meio [do jardim do Éden]; assim que o tiveres provado, tornar-te-ás como um de nós, conhecendo o bem e o mal".

O cerne do Rito de Adoção, é a ideia de que a virtude é fundamental para a felicidade. No entanto, a virtude só é verdadeiramente compreendida quando se conhece o mal. Eva, ao abrir a porta para essa felicidade, é transformada no símbolo da virtude feminina e da busca pela felicidade terrena. Essa visão, segundo o autor, revela um protofeminismo, destacando Eva como a primeira iniciada e um exemplo a ser seguido.

Entretanto, após 1815 a representação do segundo grau foi "corrigida" e a figura da Eva volta a ser representada como a culpada pela queda da humanidade, até que os graus são abandonados e eventualmente, em 1959, a *Grande Loge Féminine de France*

(GLFF) optou então por trabalhar com os rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito.

O Grande Oriente do Brasil reconhecia o Ritual de Adoção como um rito praticado pela Maçonaria brasileira. Nos extratos do Boletim, foi possível localizar um texto, publicado em 1874 na parte “Sessão dogmática” que explicita uma breve história das Lojas de Adoção, em que podem ser resumidas suas características:

- Praticavam o Rito de Adoção
- Eram instituídas por Lojas masculinas
- Eram mistas
- Estavam subordinadas ao mesmo Poder Central das Lojas masculinas

Com relação ao Rito de Adoção propriamente, fica claro que o Rito praticado no Brasil, já se encontra com o segundo grau modificado para a interpretação pós 1815, pois representa Eva como aquela que sucumbe a tentação e causa a queda da humanidade, conforme extrato:

No segundo grão ou no grão de Comp a scena da tentação do Eden é emblematicamente representada no cerimonial da iniciação, recordando os infelizes resultados desde o primeiro pecado da mulher até o diluvio universal (1874\Edição 00010).

6. Resultados e Discussão

Com esse contexto em mente vamos discutir os resultados encontrados de acordo com a literatura.

Todos os trechos foram sistematizados nas categorias temáticas: (1) “valores culturais”, (2) “formas e procedimentos de organização”, (3) “legitimidade sobre sua constituição” e (4) “composição e participação” para permitir a análise de seu conteúdo. Nas categorias 1 e 3 restou importante para a análise a frequência em que determinadas palavras ou temas apareciam, pois, sua repetição sugeria maior importância. Nas categorias 2 e 4 a frequência não parecia destacar importância, a recorrência serviu para reforçar o entendimento sobre a categoria.

6.1. Valores culturais.

A primeira categoria engloba os trechos identificados que tratam sobre os valores culturais da organização. Foram 17 (dezessete) trechos temáticos nos boletins que expressam os valores e os comporta-

mentos esperados ou valorizados naquelas mulheres que integravam as Lojas de Adoção.

A literatura aponta que a cultura organizacional é um elemento crucial que permeia todas as facetas de uma organização, influenciando todos os seus aspectos. Segundo Hofstede (1991), a cultura pode ser compreendida como um fenômeno coletivo, parcialmente compartilhado por indivíduos que habitam ou habitaram o mesmo contexto social. Essa noção destaca a importância do ambiente social na formação das normas não escritas, ou seja, a programação cultural, que moldam as interações e comportamentos dentro da organização. Ao mesmo tempo, a cultura está intrinsecamente ligada à natureza humana, uma vez que é construída sobre aspectos comuns a todos os seres humanos, como emoções e instintos básicos. Assim, a cultura organizacional se desenvolve a partir da interação entre a herança da natureza humana e as influências ambientais específicas de um grupo ou categoria (Hofstede, 1991).

Ainda nos socorrendo de Hofstede, buscamos identificar o comportamento desejado isso porque:

O que distingue o desejável do desejado é a natureza das normas envolvidas. Normas são os padrões de valores que existem dentro de um grupo ou categoria de pessoas. No caso do desejável, a norma é absoluta, referente ao que é eticamente certo, no caso do desejado, a norma é estatística: indica as escolhas efetivamente feitas pela maioria. O desejável relaciona-se mais com a ideologia, o desejado com questões práticas (Hofstede, pag.9, 1991).

Esses 17 trechos temáticos foram ainda subdivididos conforme a seguir:

Foram identificados 2 (dois) trechos que tratam sobre uma visão altruísta que afirma a busca pela melhora da humanidade como um valor das Lojas de Adoção.

Ainda foi possível identificar 4 (quatro) trechos que estavam relacionado com aprimoramento pessoal. Sendo que desses, 1 (um) trecho em que o aprimoramento pessoal está contextualizado pelos costumes da Fé, da Lei, da Sociedade e da família, mas ainda circunscrito ao aprimoramento pessoal

Um (1) outro trecho indica que a formação das Lojas de Adoção deve contribuir para o desenvolvimento da Maçonaria, no trecho em questão, chamada de “Arte Real”.

Há 2 (dois) trechos identificados onde pode-

mos verificar um importante contexto bastante crítico à Igreja Católica que é colocada ao lado da ignorância, do fanatismo, da superstição e da hipocrisia e portanto, as Lojas de Adoção estariam contribuindo para a superação desse estado das coisas no Brasil, numa clara referência a separação entre Estado e Igreja, luta que permeou os primeiros anos da Ordem Maçônica.

Há ainda, finalmente 2 (dois) trechos que identificam o papel das mulheres das Lojas de Adoção vinculado aos papéis familiares tradicionais, como de mãe, filha, esposa, companheira ou irmã.

Ainda discutindo os valores culturais da Loja, foi possível identificar 5 (cinco) trechos que tratam sobre práticas de caridade, voltadas aos pobres, prisioneiros, aflitos e preocupação com as viúvas.

Um (1) trecho foram identificados com a preocupação com a educação, mais precisamente com a manutenção de bibliotecas e a distribuição de livros.

Portanto, foi possível identificar que os valores desejados (HOFSTADE, 1991) que mais frequentemente apareceram nos extratos sobre as Lojas de Adoção no final do século XIX no Brasil, estão relacionados com a ideia de aperfeiçoamento pessoal (04 trechos) daquelas mulheres e estimulando a prática da caridade (05 trechos).

Outros discursos aparecem com menor frequência. Destacamos os dois trechos nos quais a divisão sexual do trabalho parece ser reafirmada ao colocar aquelas senhoras nos papéis de mães, filhas, companheiras ou irmãs, circunscrevendo as mulheres ao ambiente familiar conforme o estabelecido “pela sociedade patriarcal em que a mulher deveria se confinar no interior da família” (NAKAYAMA, 2020, p.15).

Com relação à Fé, nesse contexto, foi possível notar uma severa crítica à Igreja católica e se insere nas disputas políticas incentivadas pela maçonaria relacionada à liberdade religiosa e a separação entre Igreja e Estado, que aparecem no contexto da Questão Religiosa.

O que podemos entender dessa análise é que as Lojas de Adoção estariam atuando com os mesmos valores principais das Lojas masculinas, isso porque boa parte das práticas desejadas de serem observadas nos maçons, são encontradas também nas Lojas femininas. Isso porque, para Barata, a maçonaria tinha como objetivo o de “alcançar a perfeição moral por meio do simbolismo de natureza mística e/ou racional, da filantropia e da educação”. (BARATA, p. 21, 2002). Do mesmo modo, como bem apresenta Ismail (2013), a busca pelo aprimoramento pessoal, a

promoção da fraternidade e a prática da filantropia são valores fundamentais que permeiam a cultura maçônica em todo o mundo, como pode ser observado pelo lema maçônico adotado mundialmente de “Fraternidade, Amparo e Verdade”, que promove um ambiente de camaradagem, auxílio e crescimento intelectual entre seus membros.

6.2. Formas e procedimentos de organização

Após a reunião dos trechos temáticos, percebemos que o fundamental da análise seria verificar se os trechos identificados demonstrariam consistentemente a maneira como as Lojas de Adoção se organizavam no Brasil do século XIX e se essa forma de organização estava consistente com outros estudos sobre o tema.

Diversos trechos publicados no boletim davam conta de decisões, comunicações ou aprovações relacionadas com a vida funcional das Lojas de Adoção.

É possível perceber por exemplo, como no caso da Loja de Adoção fundada pela Loja Maçônica masculina União Escosseza, que as senhoras foram iniciadas em julho, o pedido de instalação da Loja foi recebido pelo Poder Central em agosto de 1874 e a autorização ou aprovação da Instalação da Loja foi publicado em 16 de setembro do mesmo ano.

Nota-se que as Lojas de Adoção estavam sob a autoridade do mesmo Poder Central, do Grande Oriente do Brasil, do mesmo modo que outras Lojas Maçônicas masculinas.

Outro trecho importante revela que o Ritual praticado pelas Lojas de Adoção era apresentado lado a lado com os ritos masculinos. No boletim nº 9 de 1874 é publicado uma lista dos cinco ritos mais praticados no mundo e o 5º rito é o Rito de Adoção.

Por outro lado, fica evidente no Boletim que as Lojas de Adoção eram instituídas por Lojas Maçônicas regulares masculinas, conforme trecho abaixo:

Grande Loja Central
Extratcto da sessão n 237 em 16 de setembro de 1874
Resolveu-se:
Conceder á Aug Loj Cap União Escosseza a faculdade de instalar uma Loj de Adopção (1874\Edição 00009).

Inclusive, segundo as publicações encontradas, há indícios que as Lojas de Adoção adotavam o nome da Loja instituidora como nos casos das Loja de Adoção instituídas pela Loja União Escosseza e pela Loja Per-

severança.

Essa vinculação, como usar o mesmo nome e ser fundada por uma Loja de homens, entre as Lojas Masculinas e as Lojas de Adoção no Brasil estão de acordo com a fórmula criada na França no final do século XVIII, especialmente a partir de 1774, em que pese existir registros de Lojas de Adoção independentes de vínculo com Lojas masculinas antes daquela data (SNOEK, 2013).

Outra característica das Lojas de Adoção de brasileiras é a participação de homens e mulheres nos trabalhos, como podemos observar na publicação no Boletim que trata da diretoria da Loja de Adoção Perseverança.

Somente localizamos uma publicação que dá conta da forma como as Lojas de Adoção compunham sua organização interna. Como podemos perceber na publicação de 1874 os cargos que compõe a diretoria da Loja de Adoção cada cargo é preenchido por um homem e uma mulher, com exceção do cargo de Deputado que se encontra vago.

Diante desses extratos, é possível afirmar que o sistema brasileiro se organizava de modo semelhante com os praticados na França 100 anos antes.

6.3. Legitimidade sobre sua constituição.

A discussão envolvendo a possibilidade de se instalar no Brasil as Loja de Adoção, segundo análise dos extratos extraído dos boletins, estão principalmente circunscritas a duas questões fundamentais: a primeira está relacionada com o lugar social da mulher, e a divisão sexual do trabalho. O segundo aspecto é que as mulheres possuíam características que não se adequam ao tipo de organização que é proposta pela maçonaria.

Existe ainda um terceiro aspecto que também aparece nos extratos que é a preocupação com as "leis maçônicas". Entretanto, essas leis não aparecem como um impeditivo para a instalação das Lojas de Adoção, mas a preocupação fundamental é garantir que as mulheres fiquem circunscritas às Lojas de Adoção, sem poderem participar das Lojas masculinas, assim como há a preocupação de que profanos (homens não iniciados na maçonaria masculina) possam frequentar as Lojas masculinas.

O argumento mais frequente está relacionado às características das mulheres como um fato impeditivo para sua participação na maçonaria como no trecho abaixo:

Ainda que a mulher sinta todas as vicissitudes da vida falta-lhe os dons necessários para a criação de sociedades destinadas a combatê-las em comum (...) (1874\Edição 00007).

São 07 trechos que se posicionam sobre esse discurso que diferencia homens e mulheres e apresentam suas diferenças como algo natural (biológico) e está presente no pensamento do século XIX, como nos apresenta Bonan (2005),

No sexo biológico, médicos, biólogos, anatomistas e fisiologistas viram a origem de uma irredutível diferença entre homens e mulheres expressada não somente na ordem físico-anatômica, como também em uma ordem moral e social. Em seu afã de definir a "mulher", eles promoveram um intenso debate público sobre a domesticidade e a inferioridade das mulheres, a vocação maternal, a sexualidade perigosa, o pudor feminino, a pouca aptidão para a política e as ciências etc., contribuindo para fundamentar a exclusão das mulheres da esfera da cidadania e a negação de sua autonomia e subjetividade (BONAN, p. 288, 2005).

Entretanto, é necessário ressaltar que esse discurso ainda pode ser encontrado hoje na maçonaria, como nos apresenta Souza (2018) em seu artigo que analisa as relações sociais de sexo existentes na maçonaria capixaba.

Para estes entrevistados o biológico é marco divisor e diferenciador. Logo, esse princípio dá sustentação aos processos desencadeados na Maçonaria que definem o posicionamento e lugar de cada ser, segundo o biológico (SOUZA, pág. 51-60, 2018).

Com menor frequência (3 trechos) a questão central é que a mulher está circunscrita à casa e a família, como no trecho a seguir: "A mulher, cujo tempo é ocupado pelo cuidado da direção do lar doméstico e pelos filhos (...)" (1874\Edição 00007).

Novamente o pensamento conservador em relação as mulheres do século XIX auxilia o entendimento do contexto em que essa discussão está inserida. Para Freyre (2002) o espaço da condição feminina está limitado ao lar no Brasil agrário, devido a uma demar-

cação das diferenças entre os sexos, que dá ao homem todas as oportunidades de ação social e limita às mulheres ao contato com os filhos e as tarefas domésticas. Cunha (2014) destaca que tanto o pensamento católico e o pensamento positivista acentuavam a divisão entre o trabalho externo e a vida do lar.

O terceiro e principal conjunto de argumentos (09 trechos) está centrado em questões referente às “leis maçônicas”, apontando duas preocupações que as mulheres frequentem lojas masculinas ou que homens não iniciados possam frequentar os espaços maçônicos, conforme o trecho:

desejamos porém, que haja escrúpulo e que não sejam admitidos profanos, que movidos pela curiosidade, ah! se apresentam, não como cavalheiros civilizados, mas sim como homens que de tudo zombão e escarnecem (1874\Edição 00008).

A preocupação com as “leis maçônicas” e a presença das mulheres parece persistir ainda hoje. Conforme Mota e Chaves (2019) discutem em seu artigo,

A análise do material verbal coletado possibilitou a identificação de duas ancoragens para justificar o posicionamento desse grupo em relação à ideia central —iniciação de mulheres na maçonaria. A primeira ancoragem é referenciada pelos códigos institucionais: é necessário ser do sexo masculino para ser iniciado nessas ordens maçônicas. Tal argumento é compartilhado por muitos desses sujeitos para sustentar suas opiniões – um paradigma construído na sociedade europeia da modernidade, enraizado institucionalmente e utilizado como critério de regularidade e reconhecimento entre as potências maçônicas internacionalmente.

Em outro trecho do século XIX esse enraizamento institucional aparece: “Somos uma família universal, temos leis que não é possível alterar, afim de conservarmos intacta a nossa homogeneidade”. (1874\Edição 00011)

Ainda no trabalho de Mota e Chaves (2019) esse argumento aparece nos dias de hoje em suas análises sobre a polarização das discussões sobre iniciação de mulheres na maçonaria contemporânea: “Os argumentos apresentados em seus discursos defendem a naturalidade e imutabilidade de uma organização

limitada a um sexo. Contudo, contraditoriamente, em suas colocações, negam a distinção de gêneros e a discriminação da mulher”.

Há um extrato de deliberação do Poder Central que decidiu pela impossibilidade das mulheres das Lojas de Adoção frequentarem os trabalhos das Lojas Masculinas. Também, foi localizado um extrato de deliberação do Poder Central que comunica à Loja União Escosseza que não permita que as “senhoras frequentem as Lojas Escossezas”. Importante destacar um outro trecho que chama a atenção para uma suposta “peculiaridade” do Rito de Adoção, sem maiores explicações.

Nos argumentos favoráveis à iniciativa, há diversos trechos dos Boletins em apoio a instalação dessas Lojas. Vários trechos fazem saudações à iniciativa de instalação dessas Lojas e fazem votos que a experiência seja ampliada no Brasil.

Os argumentos para apoiar a formação das Lojas de adoção se dividem em dois campos principais: O primeiro, com 04 trechos identificados é que a exclusão de mulheres se insere no campo do preconceito, comparável à exclusão de raças não brancas ou de religiões. Mota e Chaves (2019), conseguiram identificar que entre os apoiadores da iniciação de mulheres na maçonaria nos dias de hoje, os discursos usam “como ancoragem os direitos de igualdade entre homens e mulheres”.

De fato, em apenas um dos trechos dos boletins há menção à ideia de igualdade entre homens e mulheres, os outros trechos focam na ideia de preconceito, sectarismo ou hipocrisia dos costumes. No trecho sobre a igualdade, a própria filosofia e simbolismo maçônico é invocado como argumento: “A igualdade é a base do Delta do Triângulo filosófico” (1874\Edição 00007). Há ainda um outro trecho que defende as características democráticas da ordem para justificar a inclusão.

O segundo conjunto de trechos, com 2 (dois) trechos, tem como ideia principal de que as Loja de Adoção não se propõem a uma reformulação completa da maçonaria. Na verdade, o argumento defende a existência de Lojas independentes mistas, apenas de homens ou apenas de mulheres que seriam ligadas umas às outras, as que quisessem, permitindo a intervisitação. Porém, a proposta parece ir na contramão do que expressa, pois de fato, faz uma modificação profunda na estrutura de organização da Maçonaria. O argumento parece apoiar a mudança, mas mantém àqueles que assim desejarem organizarem-se de acordo com suas preferências.

O argumento, portanto, não advoga a iniciação de mulheres em toda as Lojas, apenas nas Lojas que assim desejarem, olhando por esse prisma não é uma proposta radical. Mota e Chaves (2019) também identificaram esse mesmo discurso “tímido” dos apoiadores do século XIX ainda entre os maçons contemporâneos que defendem a iniciação de mulheres, com “sugestões menos abruptas, claramente tímidas, no entanto progressistas”.

Ainda há um terceiro grupo que se coloca em franca oposição ao primeiro argumento que a mulher por ser lar não poderia estar na Loja. Dois trechos do boletim no Ano 1873\Edição 00001 advogam exatamente ao contrário:

E isto tudo que é grande e nobre cabe perfeitamente na possibilidade da dona da casa (1873\Edição 00001).

Que tem que de dia a mulher afivele o avental da lida e á noite vá á Officina maçônica (1873\Edição 00001).

Esse primeiro trecho aponta explicitamente que maçonaria é coisa de dona de casa também. Já no segundo trecho não há referência à dona de casa, mas à “mulher”, porém, a mulher que afivele o avental da lida. Os dois trechos estão inseridos em um discurso que valoriza o lar e o trabalho doméstico.

6.4. Composição e participação

Analisando os trechos dos boletins é possível sugerir uma diferença na composição das Lojas de Adoção quando comparamos as mulheres brasileiras e as menções as mulheres francesas.

Em primeiro lugar é importante notar que a maior parte dos trechos sobre participação de mulheres em Lojas de Adoção fora do Brasil são de experiências francesa. Há citação de Lojas de Adoção em várias partes do mundo e em um trecho do boletim de 1884 (edição 7) há citação que na América do Norte haveria 288 Capítulos da Maçonaria de Adoção. Em outro trecho do mesmo ano (edição 2) aponta que em todo o mundo há mais de 2 milhões de “Senhoras filiadas nas Lojas de Adoção”.

Porém, apenas sobre as Lojas de Adoção Francesa há informação sobre as mulheres participantes que inclui um trecho do Boletim de 1893 (Edição 2) pelo “curso quer da classe média quer da classe aristocrática”. Em várias Edições do Boletim são citadas mulheres da aristocracia francesa ou da corte. Esses trechos confirmam a informação de Snoek (2013) que

as Lojas Francesas de Adoção incluíam a mais alta nobreza da corte.

Ao contrário da realidade francesa, não há qualquer menção à membros da aristocracia brasileira nas Lojas de Adoção. Vale ressaltar que - no período analisado - estamos vivendo os últimos dezoito anos do governo Imperial de D. Pedro II, mas não há qualquer indicação de mulheres nobres brasileiras nos boletins analisados. Enquanto isso, na França, um trecho do boletim de 1893 (Edição 2) nos conta que a Imperatriz Josephina declinou a presidência de “todas as Lojas de adoção na França”, mas esteve presente na posse da Grã Mestra escolhida em seu lugar.

O que podemos perceber nos trechos é que as mulheres que participam das Lojas de Adoção brasileira estão ligadas ao núcleo familiar dos Maçons, ou seja suas esposas, filhas, irmãs como podemos perceber em vários trechos:

Também as nossas mulheres, as amigas e compenheiras de nossa vida, nossas esposas e nossas irmãs, sacudindo o jugo de um afastamento reprovável, reunirão as forças de seu coração e de seu cérebro e congregarão-se em Ouro Preto, instalando uma Loj de Adopção (1873\Edição 00002). Fôra-nos prazer imenso vermos as compaheiras de nossa vida reunirem-se á nossa comunhão maçônica, formando por toda a parte Lojas de adopção (1873\Edição 00005).

É tempo de vermos as companheiras de nossa vida, reunidas á nossa comunhão maçônica, é tempo que nossas mãis, esposas, filhas e irmãs reunidas junto às nossas columnas (...) (1874\Edição 00001-00006).

Na publicação de 1874 aparece a lista da Administração da Loja de Adoção Perseverança. Nesse trecho podemos observar que além de manter as características das Lojas francesas, sendo formado por homens e mulheres, chama atenção o sobrenome dos ocupantes dos cargos, que parece sugerir um vínculo familiar entre eles. Apenas o cargo de 2º Inspect masculino é ocupado por um homem que seu sobrenome não aparece no de uma mulher (grifo nosso).

Na sessão Administrações das AAUG LLOJ E SSUBL CCAP DO CIRCULO RITO DE ADOPÇÃO AUG LOJ Perseverança Grã-Mestra D. Carolina Brassane Ferreira de Brito
Gr Mestre Dr José Euphrosino Ferreira de

Brito

1ª Inspect D. Francisca Joaquina da Silva

1º Inspect Joaquim Jose da Silva

2ª Inspect D Maria Josephina Augusta da Silva

2º Inspect Victorino Moreira Coelho

Oradora D Maria Joaquina de Aroeira

Orador Calixto José de Aroeira

Secretaria D Eliza Jose dos Santos

Secret Carlos José dos Santos

Deput vago

(1874\Edição 00001-00006)

Em outro trecho de 1892 uma Irmã por adoção que irá proferir um discurso em Loja é apresentada como filha de um Irmão maçom.

Em seguida a Ir por adoção baptisanda D. Etelvina Esperança de Carvalho, filha do Resp Ir Gustavo da Silva Carvalho, foi proferido o seguinte discurso (...) (1892\Edição 00009).

7. Considerações

O objeto desse estudo foram os Boletins do Grande Oriente do Brasil, jornal oficial da maçonaria brasileira, do Vale do Lavradio, primeira e mais antiga potência maçônica brasileira ainda em atividade.

Em seu primeiro número de dezembro de 1871 o Boletim revela seus objetivos:

Creando uma folha oficial, o GR Or teve em mira aperfeiçoar a nossa Inst, produzindo uma fonte fecunda em benefícios para o estudo, a comparação das opiniões, a discussão e a difusão da inteligência. No desempenho d'essa nobre e útil missão, elle patenteará ao mundo que sabe tomar um lugar de honra entre as Potências maçônicas que caminham á conquista do futuro, adoptando por dogmas a civilização, a liberdade e a fraternidade.

Essa missão, proporcionou que seus boletins incluíssem textos e discursos opinativos e divergentes o que se mostrou muito interessante para compreendermos os valores e a cultura dos maçons brasileiros do século XIX, especialmente, para esse trabalho, sobre as Lojas de Adoção.

Em primeiro lugar destacamos que o Rito de Adoção que chegou ao Brasil tinha as mesmas formas

de organização do Rito de Adoção Francês, consolidada a partir de 1815, inclusive com a ressignificação do papel da Eva como a mulher que caiu em tentação (SNOK, 2013). Essa ressignificação é importante pois dialoga com a influência do pensamento Católico que influencia fortemente a sociedade brasileira, em que pese os conflitos entre a Igreja e a Maçonaria no final do século XIX.

Em segundo lugar, os valores (Categoria 1) que permeiam as Lojas de Adoção são parecidos com os valores da maçonaria masculina. Aperfeiçoamento pessoal, caridade, melhorar o mundo são exemplos desses valores que estão presentes em ambos. Chama a atenção, todavia, a centralidade do papel da mulher com um recorte de mãe, irmã, filha. Em que pese nos trechos em que se discutiam os valores culturais esse discurso não apareça com tanta relevância - em comparação aos valores de Aperfeiçoamento pessoal e caridade - mas durante as categorias 3 e 4 podemos observar que essa ideia retorna fortemente.

Novamente nos socorremos de Hofstede (1991) para entender essa dinâmica. Para o autor, a cultura organizacional deve ser estudada por meio das práticas, tendo em vista que elas podem ser analisadas por observadores externos. Assim, ocupando o nível mais superficial da cultura, as práticas constituiriam um aspecto mais facilmente observável do fenômeno cultural. Os valores, é a camadas mais profunda da cultura organizacional, as vezes de difícil acesso a um observador externo. O autor usa a ideia de camadas, como uma cebola, e os valores são o centro dessa identidade.

Não é surpresa, portanto, que ao analisarmos outras categorias, elas revelem práticas que nos ajudam a entender os valores de uma organização.

Quando discutimos a legitimidade e a composição emerge novamente uma ideia que está presente na primeira categoria, que é o recorte da mulher circunscrita ao ambiente doméstico. Como vimos, uma das ideias para se opor à legitimidade das Lojas de Adoção é a divisão sexual do trabalho que impõe à mulher as obrigações com os afazeres domésticos.

Ora, em que pese o lugar "natural" da mulher ser o lar e, portanto, não haveria espaço para elas na convivência em Loja, a oposição acaba aparecendo como uma afirmação que essas mulheres do lar poderiam sim estar lá. Fato que não estar enquadrada nessa concepção de mulher do lar, dona de casa, não é nem uma questão que se pode discutir. Afinal no pensamento moralista do século XIX, a posição à mulher do lar é a "mulher da vida", conforme explicitado

por Neto (2018):

Assim como nos principais centros urbanos da Europa (Londres, Paris, etc.), o Rio de Janeiro se tornou numa espécie de “laboratório de observação”, onde políticos, médicos e reformadores sociais “construíram uma concepção de cidade permeada por imagens contraditórias” (ENGEL, 2004, p. 37), entre elas o da “mãe-de-família” – identificada com a moralidade – e o da “prostituta” – identificada com a imoralidade.”

Portanto, nesse pensamento dualista do século XIX, a dona de casa, a “mulher do lar” é a única “classificação” possível, pois o outro lado é o lado da marginalidade.

Novamente a mesma questão aparece quando discutimos a composição das Lojas de Adoção e novamente fica claro que sua composição é formada pelas mulheres circunscrita à família do maçom.

Portanto, ao apresentar um panorama geral das Lojas de Adoção brasileiras no final do século XIX, foi possível identificar que o pensamento que circunscrevia as mulheres aos afazeres domésticos e ao lar parece estar presente na cultura organizacional das Lojas de Adoção brasileira. Tentando responder à questão se a Maçonaria brasileira com a instituição das Lojas de Adoção buscava romper essa lógica, podemos afirmar que os trechos identificados nos Boletins não parecem indicar isso.

Ainda que diante da permanente discussão contemporânea sobre a de iniciação de mulheres nas Lojas das potências masculinas, considerada um “paradoxo da contemporaneidade” por Mota e Chaves (2019), mais de 150 anos depois das primeiras Lojas de Adoção no Brasil, as mulheres no Brasil e no mundo conseguiram superar uma enormidade de barreiras.

Ainda há muito a ser enfrentado, em que pese haver avanços significativos. Dentre os desafios para o futuro das mulheres brasileiras, somente elas poderão dizer qual grau de prioridade está a iniciação em Lojas que hoje somente aceitam homens. E para repetir uma preocupação de mais de 150 anos, e que já ouvi em conversas de maçons, lá vai:

Talvez que consultadas vos dirão que nada sabendo da Franc-Maç á ella preferem a Associação Universal das Mulheres, na qual são admittidos os dous sexos e que tende

a aniquilar cada vez mais a Franc-Maç.'. rotineira e tradicional (1874\Edição 00007).

8. Referências

- BARDIN, Laurence. [1977]. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, Sociabilidade ilustrada e independência*. Campinas, 2002.
- BONAN, Cláudia. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, Brasil
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- COLUSSI, Eliana Lúcia. *A Maçonaria Brasileira no Século XIX*. Ed. Saraiva. S. Paulo, 2002.
- CUNHA, Karolina Dias da. As mulheres brasileiras no século XIX. *ANAIIS DO ENCONTRO NACIONAL DO GT GÊNERO/ANPUH*, <https://legpv.ufes.br/anais-engenero-i>, 2014.
- FREYRE, G. Casa-grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. In: SANTIAGO, S. (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- HOFSTADE, Geert. *Cultures and Organizations*. Ed. McGraw-Hill. Londres.1991
- ISMAIL, Kenno. Porque a maçonaria brasileira está perdida. *C&M* | Brasília, Vol. 1, n.1, p. 29-50, Jan/Jun, 2013.
- GUIMARÃES, Rafael. Os efeitos psicológicos da prática do ritual maçônico. *C&M* | Brasília, Vol. 1, n.1, p. 21-28, Jan/Jun, 2013.
- KAKAYAMA, Carla Maria Zizuiê. ÚRSULA: A (In) *Visibilidade da mulher do século XIX*. Monografia – Instituto Federal do Espírito Santo. 2020.
- MOTA, D.; CHAVES FILHO, C. G. UMA QUESTÃO POLARIZADA NAS MÍDIAS SOCIAIS. Discursos sobre a iniciação de mulheres na maçonaria. *C&M* | Brasília, Vol. 6, n.1, p. 35-45, jan/jun, 2019
- NETO, Renato Drummond Tapioca. *A “rainha do lar” e a “mulher da vida”: a construção das imagens femininas no século XIX*. <https://rainhastragicas.com/2018/01/28/a-rainha-do-lar-e-a-mulher-da-vida-a-construcao-das-imagens-femininas-no-seculo-xix/>. Acessado em 08/03/2024.
- RÉVAUGER, Cécile. Gender in French Freemasonry,

From the Eighteenth Century Until Today. *REHMLAC+*, *Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña plus*, [S. l.], n. 1, 2013.

RIBEIRO, Luaê Carregari Carneiro. *Uma América em São Paulo: a Maçonaria e o Partido Republicano Paulista (1868 – 1889)*, São Paulo, 2011

SNOEK, Jan. "The Adoption Rite, its Origins, Opening up for Women, and its 'Craft' Rituals". *Revista de Estudios Históricos de La Masonería – REHMLAC*. Vol 4, Nº2, Abril 2013.

SOUZA, José Roberto Basílio. O DISCURSO SEXISTA NA MAÇONARIA. *C&M* | Brasília, Vol. 5, n.1, p. 51-60, jan/jun, 2018